

*Política e Paixão: Lou Andréas Salomé**

SÔNIA MISSAGIA MATTOS

Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo: O objetivo desse trabalho é fazer uma reflexão sobre as dimensões políticas do discurso feminino. O enfoque empírico foi dado em Lou Andreas Salomé. Minha preocupação ao abordar a Teoria Política, a partir de Lou Andreas Salomé, foi estudar três grandes ordens de fatores essenciais para esta Teoria, a saber: a constituição do sujeito político, a ação política e o imaginário. Os conceitos de Tempo, História e Memória também foram imprescindíveis para esse estudo e terão um destaque nesse texto.

Palavras-chave: Política; Gênero; História; Memória; Lou Andréas Salomé.

Résumé: Le but de cet article est celui de réfléchir sur les dimensions politiques du discours des femmes. L'approche empirique porte sur l'oeuvre de Lou Andreas Salomé. L'objectif, lorsqu'on a abordé la théorie politique de Lou-Andreas Salomé était celui d'étudier les trois grands ordres de facteurs essentiels de cette théorie, à savoir: la constitution du sujet politique, l'action politique et l'imaginaire. Les concepts de temps, d'histoire et de mémoire ont également contribué à cette étude et ont un rôle privilégié dans ce texte.

Mots-clés: Politics ; Gender ; History ; Memory ; Lous Andréas Salomé.

Este texto foi elaborado a partir da Introdução e do Capítulo I de minha dissertação de mestrado defendida no Departamento de Ciência Política da UFMG. Centrada na Teoria Política e na História da Mulher, a dissertação teve como objetivo fazer uma reflexão sobre as dimensões políticas do discurso feminino a partir do marco conceitual da Ciência Política, e de ciências afins. O enfoque empírico foi dado em Lou Andreas Salomé,¹ autora de origem russa que viveu no período de 1861 a 1937, parte de sua vida na Rússia, e parte em diversos países europeus, principalmente na Alemanha, no *fin-de-siècle*.² Elegi para análise empírica a escritora, a pensadora, a psicanalista, Lou Salomé, uma mulher cuja vida e

obra podem ser lidas sob o prisma da política no e contra seu contexto histórico, não apenas por ela ter sido uma mulher pouco comum, diferente, portanto, da maioria das mulheres. Tampouco por ela ter-se destacado, segundo falou Nietzsche, como "uma das mulheres mais inteligentes da época", nem apenas pelo fato de ela ter sido uma escritora que produziu uma obra rica e variada, mas sim por sua vontade de interferir em um mundo de significações imaginárias, em um universo de valores e padrões, que pareciam lógicos na sua imutabilidade e irrevogabilidade e pelo modo como organizava essa vontade.

Minha preocupação ao abordar a Teoria Política foi estudar três grandes ordens de fatores essenciais para esta Teoria, a saber: a constituição do sujeito político, a ação política e o imaginário. Concomitantemente aos conceitos citados é evidente que, na dissertação, foram abordados outros, tais como: propriedade, segurança, igualdade, liberdade; espaço público; espaço privado; dominação; cidadania; poder; legitimidade. Os conceitos de Tempo, História e Memória foram imprescindíveis para esse estudo e terão um destaque nesse texto. Mas, antes, vou situar as abordagens que fiz da constituição do sujeito político, da ação política e do imaginário, uma vez que foram esses conceitos que me levaram a focar as questões do Tempo, da História e da Memória.

Procurei analisar o conceito de sujeito político, principalmente nos marcos teóricos elaborados por Maquiavel e Hannah Arendt, tendo em vista que a constituição desse sujeito, tal como o focalizei, está intimamente ligada com seus desejos, com os seus sonhos de liberdade e ao mesmo tempo com o desempenho de sua ação. Aqui, a constituição do sujeito político está vinculada à vontade, ao desejo, o que torna a ação desse sujeito um resultado de suas determinações internas e não uma mera consequência de pressões externas.

A busca da apreensão da constituição do sujeito político me levou a uma aproximação do pensamento de Maquiavel, principalmente do recurso do imaginário através do qual ele ilustra a questão do destino inexorável ao qual as pessoas estariam submetidas que está na base de sua concepção de *Fortuna* e *Virtú*.³ Sabemos que Maquiavel afirma saber que várias pessoas têm a opinião, de que o curso de nossas vidas é governado pela *Fortuna*, e que por mais que sejamos prudentes não há como atenuar as regras do *factum* previamente traçado. Mas, ao lado disso, ele não admite que o nosso livre arbítrio seja nulo. Admite que a *Fortuna*, que o destino, disponha da metade

de nossas ações, mas que a outra metade, a *Virtú*, esteja em nosso poder. Esse modo de pensar abre espaço para ações transformadoras. Ou seja, Maquiavel mostra que há possibilidades de se resistir à Fortuna e através da Virtú, da ação política, agir de modo livre e criativo.⁴

Assim, a marca da identidade do sujeito político é a liberdade, é a ação livre, ação essa que está articulada ao discurso. Pois, é através da ação e do discurso que homens e mulheres conseguem revelar sua imagem, sua singularidade e criar um espaço plural, o espaço público, o espaço da política. E, é justamente por ser singular, por ser diferente, que o ser humano precisa do discurso e da ação, para se fazer entender. Ser diferente, como afirma Arendt, não é o equivalente a ser outro, ou seja, não significa possuir a curiosa qualidade da alteridade, comum a tudo o que existe, mas sim ter um aspecto importante, o da pluralidade.⁵ O discurso se faz ação ao recriar a ação. Por esse prisma, o sujeito político se caracteriza por estar em permanente e contínua constituição e não por ser um sujeito constituído de uma forma fixa. A vontade política desse sujeito desejante desvela permanentemente novas formas políticas de luta, não apenas em espaços típicos, mas em espaços "atípicos" da política. Espaços esses que são contínua e cotidianamente reinventados, como espaço de ação, sendo que o sujeito se constitui constituindo esses espaços; inventando e organizando uma multiplicidade de lutas, através das quais pode influir também no institucional.

A categoria imaginário do modo como o tomamos, nada tem em comum com o modo como ele é apresentado pela psicanálise, que o utiliza como "a imagem de, imagem refletida, o especular, o reflexo, a sutura do real."⁶ Ao tomarmos o imaginário como instrumental de análises, estamos nos referindo às formações de imagens de identidade, à construção de representações sobre a realidade, sublinhando ser esse um campo de pesquisa marcado e necessariamente pluridisciplinar, de onde advém a complexidade de problemas e a diversidade de abordagens metodológicas que se entrecruzam quando o focalizamos.⁷

É importante ressaltar que a categoria Imaginário, que perpassa todo o texto, não é ainda um conceito amplamente aceito na Ciência Política, existindo, pelo contrário, algumas tendências a excluí-lo da lista dos instrumentos de análise dessa área, por considerá-lo inadequado. Isso, principalmente, porque tal conceito está localizado no centro de uma questão polêmica, a da crítica ao conceito atual de razão, racionalismo e racionalidade

e de o pensamento político não ter conseguido ainda determiná-lo e identificá-lo tanto pela dificuldade de definir suas relações com a mitologia quanto pela dificuldade de distingui-lo do conceito de ideologia e ainda, pela resistência, por parte de determinadas correntes do pensamento, em lidar com a pluridisciplinaridade. Caberia enfatizar, ainda, que o conceito imaginário vem sendo empregado de um modo ambíguo na linguagem contemporânea, podendo assinalar a existência tanto de uma valorização negativa quanto de uma valorização positiva do termo. A valorização negativa é evidente, na medida em que o termo é designado correntemente para especificar uma faculdade promotora de ilusões, mentiras e falsificações intencionais. Diz-se também que o imaginário é tolice, sonho, ingenuidade. Isso muito se deve ao positivismo moderno que vê no saber científico um tipo de conhecimento superador do conhecimento simbólico e que foi tão bem questionado por vários pensadores como, por exemplo, Bachelard. Segundo esse autor, o vocábulo fundamental que corresponde à imaginação não é imagem, mas imaginário. Assim, a imagem é investigada a partir de textos (imagens literais/literárias) ou de obras de arte (imagens gravadas, pintadas, esculpidas) e apreendida como acontecimento objetivo, integrante de uma imagética, evento de linguagem, mesmo quando olhada negativamente, isto é colocando obstáculos ao discurso científico. Sendo que é sempre como elemento desse discurso que ela é captada discutida, ou mesmo repudiada. Bachelard busca o caráter lúdico da descoberta científica, busca a dimensão da aventura intelectual.⁸

O Imaginário, ou em outras palavras, este conjunto de representações que procuramos correlacionar com a Política, por não ter o formato clássico de certas organizações partidárias, sindicais, ou de outros modelos organizacionais que o Estado releva é muitas vezes classificado como imaginoso, como expressão do irracionalismo. Segundo Castoriadis, “o elemento imaginário costuma ter uma valorização negativa por parte dessas organizações, sendo que ele aparece na criação e funcionamento das instituições, ou seja, ele é parte da instituição”.⁹

Em *A Imaginação Social*, Baczko diz que pretender associar o conceito de Imaginário, tradicionalmente ligado ao campo das artes, a um campo “sério” como o da Política, pode parecer paradoxal. Porém, segundo ele, este paradoxo é apenas aparente, pois as Ciências Humanas têm posto em destaque o fato de que designadamente o *poder político* está impregnado de

imagens de identidade, ocupando, pois, o domínio do imaginário e do simbólico *um importante lugar na política*.¹⁰

O que se pode ver é que, principalmente no que toca à Política, a elaboração de um imaginário é parte integrante da legitimação. Pois é através dele que "se pode atingir as pessoas não só na cabeça", mas, como diz José Murilo de Carvalho, "no coração", isto é, nos seus medos e nas suas esperanças.¹¹

É importante notar que o *fin-de-siècle*, época na qual se situa Lou Salomé, foi um período de redefinição de identidades. No seu livro, *Mitos e Mitologias Políticas*, Raoul Girardet,¹² trabalha com esta problemática, insistindo na função explicativa do mito nesses momentos de *crise, de mutação e rupturas*. Em momentos assim, há uma tentativa de releitura do Imaginário, uma vez que a ruptura com certos símbolos e a criação de novos sistemas de representações são particularmente importantes.

É, então, a partir do ponto de vista da política, que procuramos articular Lou Salomé historicamente, sabendo, tal como está nos estudos de Benjamim que "articular o passado historicamente não significa conhecê-lo como ele de fato foi. Significa apropriar-se de uma reminiscência tal qual ela relampeja no momento de um perigo".¹³

O momento de perigo, ainda conforme Benjamin, guarda consigo a conservação e a ruptura; a promessa e o seu não cumprimento; a profecia e a sua não realização. Esse tempo não é vazio nem homogêneo, mas um tempo saturado de *agoras*. O *agora* é salto e choque, cuja determinação não se encontra nas leis da história, mas é dada pelos construtores da história. Esse "*agora é carregado de imagens do passado*", e é o momento propício da ação política. A cada vez que a profecia não se realiza, renasce a esperança e o sonho de liberdade. A sincronia entre palavra e ação leva o autor a penetrar na contingência do tempo, possibilitando a simultaneidade do tempo e do acontecimento, do conhecimento e da experiência. Só assim se torna possível "interromper o curso do mundo"¹⁴ e fazer explodir o continuum da história".¹⁵

No período histórico de sua vida, Lou Salomé vivencia o surgimento de novas e diferentes formas de interpretar o mundo. Germina e floresce no período o que convencionalmente se passou a chamar modernidade e observa-se a coincidência de novos movimentos em vários campos; daí encontrarmos nomes como Bergson, Nietzsche e Marx, na Filosofia; Weber, Durkheim, Pareto, Sorel e Marcel Mauss, nas Ciências Sociais, Einstein e

Plank que mudam a visão da estrutura da matéria (micro e macrocosmos) na Física; Arnold Schoenberg (dodecafonismo)¹⁶ na Música; assim como Freud na Psicanálise, tentando mostrar que era o indivíduo e sua visão de mundo que estavam em crise; e também conceitos como o abstracionismo, nas Artes Plásticas; assim como o de luta de classes, com Marx, na Política.

Lou Salomé vivencia, ainda, a uma extensa reação antifeminista, que fazia apelos veementes à restauração da figura do pai e seus valores viris, tão próprios do patriarcalismo. No Manifesto Futurista de Marinetti, 1909, temos isso bem claro na seguinte proclamação: "Nós queremos glorificar a guerra – única higiene do mundo – o militarismo, o patriotismo, o gesto destrutor dos anarquistas, as belas idéias que matam, o desprezo da mulher, queremos demolir os museus, combater o moralismo, o feminismo e todas as covardias oportunistas e utilitárias".¹⁷

Gostaríamos aqui de pontuar o fato de que aos relatos de sua vida, Lou Salomé os chama de memórias. Neles, ela trata das suas experiências, entendidas, como nos chama atenção Ernest Pfeiffer, não como detalhes externos, mas como uma dinâmica interna através das quais as impressões externas são assimiladas e tornadas significantes, "ficando surpreendentemente claro que o que é ali chamado de experiência, não poderia ser apreendido por quem o viveu senão com a força de compreensão de sua vida inteira".¹⁸

As memórias, ou experiências de Lou trazem muito do significado do tempo e do espaço que ela vivia. Vou entrar por esse caminho com uma poesia de Rilke:

Vivo justamente o expirar do século.
Sente-se o vento de uma grande folha
que Deus e tu e eu escrevemos
que se volta, alto, em mãos estranhas.
Sente-se o brilho de uma nova página
em que tudo pode acontecer.
As forças imóveis medem a sua amplitude
e olham-se tenebrosamente.
(RILKE, 1899).

Essa poesia de Rilke faz evocar o imaginário do *fin-de-siècle*. Poderíamos dizer, que ela é um vôo rápido, ávido, livre, por sobre e a partir desse imaginário – o *expirar do século* e a percepção do *brilho* do espaço de

tempo, que emerge, *onde tudo pode acontecer*. Rilke faz figurar, nesta poesia, de uma forma condensada, questões que estavam na atmosfera da época, ou seja, uma combinação de agitação e desfalecimento, ameaça e esperança, o entrelaçamento entre a vida e a morte.

O que ele traduz, é a essência de um tempo, onde se procurava alterar a realidade em que se vivia, dando início a algo imprevisível: tudo podia ainda acontecer. O *fato inteiramente novo*, em forma de uma *nova página*, que se desvelava, trazia com ele possibilidades infinitas, de que novas marcas, novas ações fossem impressas, expressando assim a marca da política, a marca da liberdade.

O *vento de uma grande folha*, que *tenebrosamente* tudo arrastava, atemorizando todos, conforme figura Rilke, marca a imprevisibilidade do Tempo e da História, uma vez que portava a força de uma ação, que não podia ser prevista. Mas, essa força, que profanava o que era até então considerado como sagrado tornou-se, para muitos que a viviam, apenas, uma força libertadora.¹⁹ Esses procuravam *adaptar-se* à nova situação, buscando sempre alcançar previsibilidade, permanência, segurança para a ação.²⁰ Mas, o que conseguiam era paralisá-la, passando a perseguir fantasmas de ação, fantasmas de liberdade e transformando-se em fantoches de sujeito, esquecendo-se de perguntar como Nietzsche: "Você se considera uma pessoa livre? O que quero ouvir é seu pensamento predominante e não que você escapou de um jugo. Será que você é um daqueles que pode escapar de um jugo? Há muitos que jogam fora seu último valor ao jogarem fora sua serviçalidade".²¹ Esses, por serem "pessoas de qualidade",²² não se davam conta de que "nessa história desencarnada da vida, eram personagens que se projetavam como truques de sombra, como figuras de fantasmagorias".²³

Porém, para outros, como para Rilke e Lou Salomé, esse tempo tornou-se a experiência mesma, de dar início a um novo começo, a experiência de iniciar uma ação que sabiam imprezível e fizeram a opção política pela liberdade.²⁴

Grandes questões são colocadas aqui. Vou iniciar com aquelas relativas aos conceitos de Tempo, História e Memória.

Cada época, cada sociedade tem um modo peculiar de representar o tempo e, portanto, a história que são as ações que as pessoas realizam e que são imbuídas de uma temporalidade. É preciso estar atento, pois, ao se delimitar o período e a sociedade, já estamos fazendo com que o conceito *Tempo* adquira certos pressupostos que nos remetem a uma *data* específica

que porta qualificativos para esse tempo e, a uma *narrativa*, que contém uma idéia do passado. Isso torna esse conceito, por demais múltiplo e complexo e é a imagem do tempo que será transcrita como a imagem da história. O que me preocupa, no momento, é explorar como é que os homens ocidentais, que viveram o *fin-de-siècle*, pensaram e representaram os conceitos em questão.

Vou destacar duas representações opostas da imagem do tempo, no período sob nosso enfoque. Uma, é a figuração convencional, proveniente das leis da termodinâmica, que representa o tempo através da metáfora de uma flecha que flui veloz, uniformemente e segundo Benjamin, *de um modo homogêneo e vazio*, sem guardar relação alguma com as coisas. Esse tempo é passível de ser representado por quantificações, sendo que, aqui as ações dos homens têm a marca do envelhecimento. A história segundo essa figuração do tempo, evolui irreversivelmente para um fim, sendo negada a ela o direito à incerteza e ao acaso. Ou seja, dentro dessa lógica, o Tempo é vivido e perdido em uma linha contínua, tornando-se impossível reter a Memória. A História, desse modo, está regida por noções de totalidade, continuidade, acidentalidade aparente (nunca essencial) e, por noções de necessidade (jamais contingência real). Assim, ela só tem sentido, em uma lógica finalista, ou seja, única e direcional e, se seu sentido for único e absoluto, se ela for enfim, a História do Absoluto.

Dessa forma, a construção do discurso e das ações humanas tornam-se instrumentalizáveis, uma vez que têm que ser direcionados para um posto conclusivo da trajetória do tempo. E, enfrentar esse tempo direcionado para o Absoluto, tempo que flui irreversivelmente para o futuro, que aponta para o envelhecimento, para a morte, uma vez que não pode ser detido, é um dos grandes problemas para os que se decidiram viver na opressão de uma lógica histórica continuísta e absoluta, que não guarda espaço para a memória; daqueles que se decidiram viver em um mundo fabricado pelo progresso técnico-científico-industrial.

Outra é a representação do tempo, que o transforma em uma experiência descontínua privilegiando momentos flexíveis, indeterminados, imprevisíveis. Nessa lógica, as questões do Tempo, da História e da Memória, são tomadas por um outro prisma e gostaríamos de refletir sobre elas, com Walter Benjamin que em *Sobre o Conceito da História*, nos aponta para uma nova concepção do tempo histórico, concepção essa que faz uma ruptura com o tempo linear evolucionista, que condena a elaboração da continuidade, privilegiando o *agora*. Com isso, “a história não se funda na

observação e na indução, mas no instante mágico de imagem dialética, uma memória de súbita redenção que emerge completa no instante de perigo”.²⁵

Antes de Benjamin, se tocava o passado a partir de um ponto fixo e se via o presente, como um esforço, para fazer avançar o conhecimento a partir daquele ponto. Com ele, o relacionamento é revertido e o passado se torna um movimento dialético, que inspira acordar da consciência. “O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção, pois através dele somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes, escutamos ecos de vozes que emudeceram”.²⁶

A verdadeira imagem do passado desliza veloz e só se deixa fixar "como imagem que relampeja irreversivelmente no momento em que é reconhecido". De acordo com Benjamin, captar esse instante significa "captar uma lembrança tal qual ela fulgura num instante de tempo, frente e verso, direito e avesso". O instante de perigo não carrega a verdade do que foi, mas a suspensão clara da verdade. É o momento de suspensão das regras que permite a avaliação da legitimidade delas; ou é o momento em que o passado revive no presente, como condição de ruptura. A recordação assume em Benjamin, uma grande importância para a história. Para ele, a verdadeira recordação, é da natureza da memória involuntária (Proust). Apenas ela pode tirar do inconsciente as vivências passadas realmente significativas. Ela não se baseia na continuidade do tempo e sim no choque, que em momentos privilegiados, não escolhidos pelo historiador, independentemente de qualquer *continuum* histórico, mobiliza um fragmento do passado que revive no presente, no momento em que é lembrado. Segundo ele, “existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa. [...] E o passado, graças a um misterioso heliotropismo, tenta dirigir-se para o sol que se levanta no céu da história”.²⁷ Conforme Rouanet, Benjamin vê no homem moderno um ser incapaz de recordar-se porque está por inteiro interceptado nos choques da vida quotidiana, que exige uma permanente mobilização da consciência”.²⁸

Essa imagem do tempo, como momentos de ruptura, coloca inúmeras possibilidades para que os seres humanos realizem ações. Essa figuração traz a marca da política, a marca da liberdade, uma vez que as ações não estão sujeitas a determinismos necessidades. É justamente esse modo de figurar o tempo que nos possibilita melhor refletir, compreender e interpretar as ações de sujeitos políticos como Lou Salomé.²⁹

Tudo em Lou, mergulha suas raízes neste tempo de começo, de início, "de acaso que fornece aos homens não os bens ou os males, mas os 'começos' de grandes bens e de grandes males",³⁰ tempo propício à ação, que explodira por volta de 1880. Lembrar, então, em linhas gerais, algumas das representações do imaginário deste começo de século, enfocando a figura de Lou Salomé, é mostrar como ela pode parecer a muitos escritores como 'o universal singular' de um tempo onde até hoje procuramos as origens da modernidade.³¹

Sabemos que seria por demais pretensioso, prematuro, senão impossível, tentar fazer um apanhado coeso dos acontecimentos do *fin-de-siècle*, uma vez, que essa época é caracterizada por uma complexidade, uma multiplicidade de acontecimentos e ideias. Há ainda outro fator complicador, que é o de ainda pertencermos, sob diversas formas, à referida época. Por isso, optamos por tratar do assunto, apoiando-nos em vários estudiosos – que por muitos anos, se dedicaram ao período, e a pessoas que nele viveram.

O período histórico no qual Lou Salomé viveu e produziu e que cobre o último terço do século XIX e o primeiro do nosso, o século XX, já tem sido objeto de dezenas e dezenas de ensaios e de escritos políticos, sociológicos, estéticos, econômicos e de outras natureza.³² Isso me faz parecer desnecessário descrever em detalhes os avanços, as conquistas, as transformações ocorridas então. Porém, noto a necessidade de enfatizar e marcar as grandezas de alguns deles, uma vez, que ao nosso modo de ver, elas caracterizam o espírito do tempo, do período histórico sob enfoque. A tentativa de compreender esse espírito do tempo me faz adentrar por conceitos e reflexões que se situam em várias áreas do conhecimento, resultando em uma visão pluridisciplinar, que por vezes pode parecer desconectada.

Esta época, que corresponde à modernização do século XIX, foi marcada na Alemanha, assim como em toda a Europa, pela expansão da administração do Estado, por um grande *progresso* científico e técnico, um forte crescimento econômico, um grande enriquecimento material; um crescimento industrial, que foi acompanhado por uma grande explosão demográfica e urbana, além de um notável desenvolvimento dos meios de comunicação e informação. Mas todo esse progresso foi acompanhado de um achatamento nas tradições religiosas, pela vitória do positivismo, do utilitarismo, do pragmatismo e do cientificismo.

Com Rider,³³ tomaremos a modernização como um processo econômico, social e político que questiona a identidade cultural das coletividades e as identidades subjetivas dos indivíduos; o modernismo como correspondendo ao endurecimento doutrinário das ideias modernas, em primeira instância da ideia de progresso, inclusive nos campos artísticos e religioso e a modernidade como designando um modo de vida, de pensamento e de criação, que apesar de aderir ao imperativo de mudança e inovação, conserva uma consciência crítica em relação à modernização, expressando-a em termos estéticos ou teóricos, ao tomar distância em relação ao modernismo”.³⁴ Para Francisco Foot Hardman, há duas polaridades básicas, à maneira de tipos ideais a concepções de mundo que se desenvolveram, por aproximação e oposição, nesse período, entre por um lado, um polo eufórico-diurno-iluminista, lugar da adesão plena e incontida aos valores próprios da civilização técnica industrial, na qual havia uma tendência a se produzir certas utopias tecnológicas futuristas; e por outro, um polo melancólico-noturno-romântico, lugar por excelência da rejeição do mundo fabricado nas fornalhas da revolução industrial.³⁵

Esse último parecia às vezes antimoderno, posto que não hesitava em questionar os próprios fundamentos do moderno, ao mesmo tempo que partilhava do seu espírito de mudança e renovação. Esses *polos* foram traçados com características de tipos ideais, como adverte Hardman, não sendo encontrados em *estado puro*. Não são, portanto, pólos fixos entre os quais oscila o espírito, mas estão sujeitos aos mecanismos de mudança, seguindo por caminhos convergentes. Então, o que a época nos mostra, não é apenas a reabilitação do irracional após um período de ordeiro realismo; ou um período de classicismo após uma fase de romantismo “mas sim um composto de todos esses potenciais: a interpenetração, a reconciliação, o aglutinamento, a fusão – talvez uma fusão tremendamente explosiva – entre razão e irrazão, intelecto e emoção, subjetivo e objetivo”.³⁶

O que se vivia era um ceticismo e um anseio por uma transformação secular, a sensibilidade da transição e do caos, da criação e da descriação. A fragilidade do entendimento científico, que se colocava como senhor do mundo, fazia emergir uma racionalidade técnica e científica estritamente instrumental, mas permanecia, porém, submissa às forças imperiosas que garantiam a unidade do inconsciente com as coisas, permanecia presa à subjetividade. E a modernização que se processava, apesar de nutrir o orgulho dos *pais fundadores*, suscitava a agonia de uma geração que sentia

destruída a sua confiança nas luzes e no progresso. Lou Salomé vive essa desilusão comum à maior parte da geração de 1900, através do desmoronamento da doutrina kantiana.³⁷

C. G. Jung, examinando seu tempo pelo prisma da arte moderna, dizia que o desenvolvimento da arte, "com sua tendência aparentemente niilista à dissolução, deve ser entendido como sintoma e símbolo de um espírito universal de decadência e renovação do nosso mundo. Esse espírito se manifesta em todos os campos, tanto político, como social e filosófico".³⁸ Já antes, Nietzsche havia profetizado: "começa uma época de barbárie e as ciências se colocarão ao lado dela". E foi mais além ao dizer, "aproxima-se um tempo de selvageria e renovação de forças... Um novo homem se manifestará".³⁹

Lou Salomé comenta que, no período, a filosofia teve por efeito inquietar e estimular os espíritos. Os grandes sistemas pós-kantianos, até as ramificações hegelianas para a direita e para a esquerda, não haviam declinado sem chocar-se, de modo bastante sensível, com o espírito contrário do século XIX, a chamada "era darwiniana" – caracterizada, sobretudo, pela idéia de evolucionismo. Em meio aos princípios de objetividade e realismo, do modo de pensar que se defendia, as tendências pessimistas ocuparam espaço, quer ocultas nas profundezas do pensamento, quer de modo acentuadamente desenvolvido e confessado. Isso representava uma reação ainda mais idealista a todas espécies de práticas e de "desdivinização"; por amor à verdade fizeram-se sinceros sacrifícios. Como consequência disso, Lou Salomé observa que se poderia quase falar de um período heroico para aqueles que se interessavam, então, pela filosofia. Esse período somente encontrou seu fim, quando a submissão à verdade se encontrou limitada a domínios cada vez mais circunscritos, que prescindiam de grandes palavras. Nos próprios termos de Lou Salomé, a "própria alma humana, passou a ser objeto de sondagem e ela se prestou mais à investigação [...] influenciou de maneira impertinente o conhecimento estrito, com seus direitos indubitáveis de complementar e preencher a ciência de modo vivo. Essa aspiração da época transpôs o próprio rigor da lógica para o rigor de uma psicologia. Depois da humildade diante da 'verdade', abriu-se toda uma era de confissões humilhantes: do orgulho particular da superioridade chegou-se à constatação da inferioridade humana".⁴⁰

O trabalho de Gustav Klimt, um dos fundadores e primeiro presidente da Secessão,⁴¹ ilustra, a nosso ver, esse comentário de Lou sobre o período.

Tendo sido convidado para decorar a nova universidade de Viena – onde teria que pintar afrescos sobre o tema: *O triunfo das luzes sobre as Trevas*⁴² – Klimt representou a Filosofia como uma massa de corpo abandonado em um grande corredor entre a vida e o sonho; a Medicina como uma dança macabra conduzida por uma *femme-fatale*; a Jurisprudência como uma hidra, apertando uma forma humana cadavérica. Mas nenhuma de suas obras, refletiu uma fácil vitória da Luz sobre as Trevas e o resultado de seu trabalho foi um escândalo – pois, revelou a profundidade do questionamento a respeito da preponderância do elemento racional dentro da sociedade, ou seja o positivismo e a confiança no progresso são desmentidos por ele. Segundo Werner Hofman, "pode-se dar à visão de Klimt a interpretação seguinte: não é a filosofia ex-cathedra, que iluminará a humanidade; não é o progresso da medicina, que a libertará de seus padecimentos; não é a jurisprudência congelada em instituições imponentes, que poderá protegê-la do arbitrário das deusas da vingança".⁴³

De acordo com as análises de Schorske, em um nível mais óbvio, o que se lê no período, é a ruptura do laço com o passado, a revolta do novo contra o velho e a busca de novas identidades. Para o citado autor, este rompimento mostra a passagem, na cena cultural, de heróis prometéicos (tradição iluminista), para heróis epimetéicos (subjetivismo).⁴⁴ Schorske nos diz que a passagem mais extraordinária foi a de Marx para Freud, pois é nessa passagem que os males que afligem a humanidade tenderam a se deslocar do domínio público e sociológico para o privado e psicológico.⁴⁵ Em um nível mais complexo, a época assume a forma específica, do que Heinz Kohut chamou de *reembaralhamento do eu*.⁴⁶ Além de haver, por parte dos indivíduos a busca de uma nova identidade, grupos inteiros buscavam rever, ou substituir, sistemas de crenças já desaparecidos. Esse esforço liberou a imaginação e proliferaram novas formas e novas construções da história, pois em momentos assim há uma tentativa de releitura do imaginário para se descobrir a inteligibilidade perdida. A manipulação do imaginário, a criação de novos símbolos, é particularmente importante nesses períodos, porque o símbolo estabelece relações de significado.⁴⁷

Apesar disso ter ocorrido de modo relativamente universal, uma vez que o internacionalismo e a simultaneidade da experiência cultural já se tinham arraigado entre os produtores de cultura, pode-se dizer que na Alemanha e proximidades, mas destacadamente na Áustria, sentindo os abalos da desintegração social e política, grandes inovadores romperam, de

modo mais ou menos deliberado, seus laços com a cultura, na qual foram gerados. É entre eles, que localizamos Lou Salomé entregando-se "a reformulações críticas, a transformações subversivas de suas tradições que foram reconhecidas pela sua sociedade como radicalmente novas, quando não efetivamente revolucionárias".⁴⁸

É em momentos assim, nos quais decisões precisam ser tomadas, nos quais transformações devem ser feitas que, segundo Castoriadis, emerge a Política. Para ele, a Política é um movimento livre é o questionamento, por indivíduos livres, das instituições imaginárias da sociedade. Castoriadis faz uma distinção entre a política e o político. A política para ele é, na acepção verdadeira da palavra, o questionamento das significações imaginárias da sociedade, atividade que busca formar uma perspectiva lúcida (refletida e deliberada) da instituição social como tal. O Político é a dimensão da sociedade que está relacionada com o poder explícito, que cria uma aparência de espontaneidade, de modo que os indivíduos são levados a fazer o que se quer que se faça. É o fracasso da liberdade.⁴⁹ Revoltando-se contra a autoridade da cultura que lhes fora legada os vanguardistas atacavam em uma frente ampla o sistema do liberalismo clássico em que tinham sido criados. Eles se preocupavam com grandes temas como o triunfo e a crise do individualismo; a nostalgia das mitologias suscetíveis de regenerar a sociedade (o sionismo, os nacionalismos que se baseavam em mitologias do passado); o questionamento da racionalidade científica e técnica; a interrogação do estatuto da arte moderna entre o elitismo e a democracia.⁵⁰

Os movimentos de vanguarda refletiam essas transformações, refletiam a mudança na visão que o ser humano tinha do mundo como um todo. A tradição era contestada, a toda prova, pelos vanguardistas, muito embora vários deles estivessem nela mergulhados, mas o que se chamou genericamente de *moderno*, nesses movimentos, tornou-se uma força explosiva de liberdade.⁵¹

“A importância atribuída à noção de vanguarda (que praticamente se tornou sinônimo de ‘experimental’) era tão grande que, à primeira vista, esse parecia ser o único padrão de avaliação para as artes”,⁵² nas quais estavam ocorrendo vários movimentos, que traduziam uma acentuada mudança na forma e uma procura de meios para expressá-la.⁵³ As vanguardas, em todas as áreas das artes, esforçavam-se para introduzir novos processos experimentais de decomposição e estruturação das obras, buscando meios para expor os

problemas da sociedade, para expor o problema da relação entre os valores culturais e uma estrutura social e política em transição.

O papel social e político destes movimentos foi tão importante quanto o papel estético. Para Renato Poggioli, “um dos traços distintivos das artes modernas, residia no meio e no estilo de vida onde elas surgiram – o estilo de vida vanguardista, onde o artista funciona como uma espécie de guerrilheiro estético (e às vezes como guerrilheiro francamente político), dado a maneirismos próprios, a uma conduta social escandalizante, a um afastamento das normas burguesas e a manifestações de coesão e de solidariedade de grupo”.⁵⁴

Para Lou Salomé, que se movimentava em um círculo de vanguarda em Berlim e que participava, também, dos círculos de Paris, Viena e Munique, esses anos se constituíram em um período muito fecundo, nos quais ela muito estudou, escreveu e publicou. Foi então que fez contato e estabeleceu relações com várias pessoas, partilhando com artistas e intelectuais, seus contemporâneos, questões e preocupações da época.

É importante marcar que ao se inserir nesses círculos de discussões e debates, Lou Salomé está buscando algo, que aponta para além de uma libertação, está buscando a liberdade. Por isso, ela necessitava da companhia de pessoas que estivessem dentro da mesma busca, formando um espaço de encontro, um espaço politicamente organizado, no qual cada ser humano livre poderia unir-se em palavras e ações a outros, como ele, igualmente livres.⁵⁵

De grande importância para esses movimentos de vanguarda são os manifestos e as revistas que eles publicavam, pois neles se pode constatar o significado do que diz Ford: “um Movimento nas Artes – qualquer movimento – agita toda uma Nação com uma rapidez assombrosa; suas idéias passam pela imprensa diária, semanal e mensal com a rapidez da água que passa pelas frestas, até que finalmente alcançam as revistas trimestrais e passam a perturbar os acadêmicos adormecidos em seus cestos de papéis”.⁵⁶

Lou Salomé, como não era uma acadêmica adormecida, se tornou uma das maiores colaboradoras para as revisões críticas e sociais do *Die Freie Brubne (Palco Livre)*, um dos maiores órgãos do movimento Naturalista em Berlim. Aí, ela teve a oportunidade de trabalhar em uma comunidade de vanguarda, que se caracterizava por ser um espaço onde os participantes não eram regidos pelas necessidades da vida, mas pela liberdade.⁵⁷

Por essa ocasião, Lou Salomé morava em Tempelhof, localidade próxima a Berlim, onde membros da vanguarda literária e da comunidade política crítica se juntavam.⁵⁸ Suas memórias e seus diários daquele período mostram a importância, que teve para ela, a inserção nesse espaço. Como é dito por ela, "o círculo de Berlim, dentre outras coisas significou a irrupção do Naturalismo na Alemanha" [...] ⁵⁹ mas, o que nesse movimento, que arrebatava jovens e idosos, mais atraía Lou era o lado humano: "seu ímpeto alegre, sua juventude ativa e confiante, que não se importou em pregar o novo espírito por meio dos temas mais tristes e sombrios". Ela diz recordar-se dos "muitos acordos e discordâncias nos longos serões" ⁶⁰

No círculo de Paris se realizava uma revolução literária similar à alemã. Foi na época do assassinato de Carnot e Lou Salomé pode " *pessoalmente ouvir, na Câmara, Millerand e Jaurès*".⁶¹ Lá, onde também estava representada a colônia escandinava, "*o 'Palco Livre' veio a exercer influência no 'Théâtre Libre, de Antoine, e da 'ouvre', de Lugné-Poe*". Lou Salomé diz ter passado a maior parte do seu tempo, em Paris, com Frank Wedekind,⁶² tornando-se também, amiga de Sawelli, através de quem conheceu toda a colônia russa. Através do círculo berlinense de literatos, Lou Salomé entrou em contato com o círculo correspondente de Viena e o de Munique, onde conheceu René Maria Rilke.

Um dos temas mais discutidos por esses grupos era um conceito de indivíduo moderno, um indivíduo capaz de autorenovação e criatividade, para quem as velhas convenções e formas burguesas haviam se tornado sem sentido. Ou seja, um indivíduo que não mais acreditava no "homem da razão", concebido como um ideal universal, que através da ciência se tornaria dono da natureza e através da moral, dono de si mesmo.

Esse indivíduo recusava a tirania das leis, tanto no campo da estética, quanto no da política ou qualquer outro, uma vez que pressentia que a modernidade não apenas representava a perturbadora desconstrução de tradições e identidades, mas era, também, prenhe de possibilidades para a construção de uma humanidade mais livre. Instável, mutável e centrado no espírito de liberdade, de transformação e renovação, esse indivíduo criticava determinadas ideias modernas, tais como o progresso, guiado pela racionalidade científica e técnica e o otimista programa iluminista de emancipação dos indivíduos. E, marcado por conflitos entre a aspiração individual e a obrigação social, o impulso das tendências pessoais contra os deveres de parentesco, o choque entre a tradição e a autorealização, ele

procurava restaurar o interior, a vida interior – ou seja, a preocupação deles consistia em algo subjetivamente percebido, em uma realidade objetivamente dada.

Havia sentimentos parecidos em quase todos os participantes das idéias desses grupos de vanguarda, que questionando a emancipação do indivíduo, proposta pelo programa liberal, questionavam a própria modernidade alicerçada sobre o individualismo e a subjetividade. Conforme Rider, "aquilo que o Iluminismo havia considerado como condição do progresso se constituiu a partir do primeiro romantismo, em ponto central da 'Kulturkritik'. A modernidade 'iluminada' se colocara sob o signo da liberdade subjetiva, garantida na ordem social pelo direito privado, no Estado pela reivindicação da igualdade política, na esfera da vida pela autonomia moral e a 'Bildung', mediação individual da 'Kultur' coletiva".⁶³

As formas de vida legitimadas pela tradição e religião foram questionadas pelo espírito subjetivo. Porém, o processo de emancipação logo passou a ser sentido como um perigo de alienação, como perda das forças de integração social. O individualismo permanece como exigência ética, lógica estética, mas se torna necessário distingui-lo de seus estreitamentos e de suas deformações.

Lou Salomé, dizia que o individualismo golpeava o sujeito no "*grande encantamento do mundo*", condenando-o a um mal irremediável. Segundo Rider, esta é a grande lição que a geração de Lou Salomé tira de Schopenhauer, que para explicar o modo como o caráter humano introduz o mal no mundo, mostra que este é prisioneiro do '*principium individuationis*' "e que não desiste da separação total assim alocada entre sua própria pessoa e todas as outras, buscando apenas o seu próprio bem-estar, indiferente ao de terceiros cujo ser lhe permanece totalmente alheio, "separado do seu eu por um fosso profundo. [...] Não obstante, essa violência da vontade já se constitui em si própria e imediatamente em uma fonte de sofrimento".⁶⁴

Lou volta a esse traumatismo de individuação - o impasse, as derrotas, a maldição da qual a humanidade tem que se desembaraçar para reencontrar o sentido da vida, para restaurar o grande encantamento com as coisas. Ela se queixa, em suas memórias, de o ser humano ter se tornado "*poderosamente comprometido com um êxtase de progresso e violado por metas opressoras*".⁶⁵ Esse indivíduo "*se mostra como um ser amputado em uma parte importante dele mesmo, apesar de todos os seus sucessos de fachada*"⁶⁶ – não conseguindo reentrar nele mesmo e tentar encontrar aí uma força, que o impele à ação. Isso porque a

condição moderna parecia a ele como resultado do enfraquecimento e do esquecimento das tradições e do triunfo das forças de desagregação e de desorganização, perante as quais ele se achava numa situação de caos difícil de dominar. Mas, os indivíduos capazes de aceitar boa parte do acaso e do absurdo em que viviam, sem se sentirem desencorajados conseguiram salvaguardar o equilíbrio e a criatividade. Livres dos papéis e das identidades, que a sociedade gostaria de impor-lhes, afirmam-se como indivíduos do possível – e preferiam essa liberdade feita de indeterminação, a todas as certezas que o subordinassem. Assumindo a mobilidade, a imprevisibilidade, ou seja, um estado de crise, mais ou menos permanente, reconstróem uma nova identidade. Esses indivíduos recusam identificações apressadas e saem em busca de suas identidades, ao modo de um herói, que segundo Walter Benjamin, é o verdadeiro sujeito da modernidade.⁶⁷

O heroísmo, no sentido aqui tomado, "faz referência a certo modo de ser, a certa maneira de existir no campo político, a certo agir político bem especificado".⁶⁸ Ele é pensado como coisa de todos os que são capazes de realizar ações que têm como objeto a liberdade e não como uma veneração pelo grande indivíduo. Lou Salomé diz que o heroísmo é uma coisa de todos, assim: "o que se tem costumado chamar de 'homem de massa', por oposição a indivíduos eminentes que nela se distinguem [...] pode perfeitamente ter conservado o acesso ao seu fundo primitivo. [...] por outro lado o ser mais evoluído pode ter desdenhado esse acesso por julgar essa via prejudicial à realização de seu objetivo, moldado pela razão e pela ação".⁶⁹

Em *A Condição Humana*, Arendt diz que o "herói desvelado pela história não tem necessidade de qualidades heróicas; a palavra herói, na origem, isto é, em Homero, não era mais que um nome dado a cada um dos homens livres que haviam participado da epopéia troiana e de quem se podia contar uma história".⁷⁰ O que se pretende ao introduzir a figura do herói, junto com a questão da identidade, longe de qualquer intuito de mitologização, é lançar luz sobre um tipo de sujeito político, que tem um certo agir político, que de outra forma permaneceria velado.⁷¹ O termo herói, do modo como está sendo tomado, conota uma distinção da qual todo ser humano livre é capaz. É, porém, uma distinção que faz referência a um certo modo de ser, a um certo modo de agir. O herói, através desse agir, dá forma à política e imprime-lhe sua marca de singularidade, como podemos observar nas ações praticadas por Lou Salomé. Essa qualidade heróica abre um

espaço de visibilidade, de revelação do herói aos outros e a si mesmo, de quem ele é, e do que é capaz.

Referências

- ABENSUR, M. *O heroísmo e o enigma do revolucionário*. In: NOVAES, A. et al. *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- ADORNO, Th. A talk on Alban Berg's. In: LIBRETO DA ÓPERA LULU.
- ARENDT, H. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.
- ARENDT, H. *Da revolução*. São Paulo: Ática, 1990.
- ARENDT, H. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- BACHELARD, G. *A água e os sonhos*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BACZCO, B. A imaginação social. In: ROMANO, R. (Ed.) *Enciclopedia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Oficial/Casa da Moeda, 1985.
- BENJAMIM, W. *Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BENJAMIN, W. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. In: _____ *Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1989. v. III.
- BIGNOTTO, N. *Maquiavel republicano*. São Paulo: Loyola, 1991.
- BONAZZI, T. Mito político. In: BOBBIO, N. (Org.) *Dicionário de política*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1986.
- BRADBURRY, M. & McFARLANE, J. O nome e a natureza do modernismo. In: _____ et. al. *Modernismo: guia geral*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- BRANDÃO, J. *Dicionário mítico-etimológico*. Petrópolis: Vozes, 1991. v. I e II.

BRETON, A. Manifesto surrealista. In: TELES, M. R. *Vanguarda européia e Modernismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Record, 1987.

CARPEAUX, O. M. *Uma nova história da música*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

CARVALHO, J. M. *A formação das almas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

CASTORIADIS, C. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

DURAND, G. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Lisboa: Presença, 1989.

CASTORIADIS, C. et al. *A criação histórica*. Porto Alegre: Artes e Ofício, 1982.

DURAND, G. *A imaginação simbólica*. São Paulo: Cultrix, 2000.

FOOT HARDMAN, F. Antigos modernistas. In: NOVAES, A. et al. *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

GASSNER, J. *Mestres do Teatro*. São Paulo: Perspectiva, 1990. v. II.

GIRARDET, R. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GRIFFITHS, P. *A música moderna: uma história concisa e ilustrada de Debussy a Boulez*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

HARDMANN, F. F. *Trem fantasma: a modernidade na selva*. São Paulo. Cia das Letras, 1988.

HOBSBAWN, E. J. *A era dos impérios*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

JUNG, C. *Presente e futuro*. Petrópolis: Vozes, 1989.

LOPES, J. L. Tempo, espaço e matéria. In: NOVAES, A. et al. *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

MAQUIAVEL, N. *Discorsi*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, s/d.

MAQUIAVEL, N. *O príncipe*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, s/d.

MARINETTI, F.T. Manifesto do futurismo. In: TELES, G. M. (Org.) *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Record, 1987.

MATOS, O. *Os arcanos do inteiramente outro*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

McFARLANE, J. *O espírito do modernismo*. In: BRADBURY, M.;

MACFARLANE, J. et al. *Modernismo: guia geral*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MUSIL, R. *O homem sem qualidades*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1989.

NIETZSCHE, F. *Obras completas*. Buenos Aires: Aguilar, s/d. t. V.

ORFF, C. *Fortuna, imperatriz do mundo*. In: CARMINA BURANA (libreto).

PEÇANHA, José A. M. O sono e a vigília. In: NOVAES, A. et al. *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PFEIFFER, E. Posfácio. In: SALOMÉ, Lou. *Minha vida*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

RIDER, J. *A modernidade vienense e as crises de identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

ROUANET, S. P. *As razões do Iluminismo*: São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

ROUANET, S. P. *Édipo e o anjo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

SALOMÉ, L. *Carnets intimes des dernières années*. Paris: Hachett, 1984.

SALOMÉ, L. *Carta aberta a Freud*. São Paulo: Princípio, 1990.

SALOMÉ, L. *Minha vida*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SCHORSKE, C. E. *Viena Fin-de-Siècle*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

STANGOS, N. *Conceitos da arte moderna*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

TELES, G.. *Vanguarda européia e Modernismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Record, 1987.

WEBER, E. *França Fin-de-siècle*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

Notas

* Artigo submetido à avaliação em 03 de setembro de 2011 e aprovado para publicação em 01 de outubro de 2011.

¹ - Lou Salomé nasceu a 12 de fevereiro de 1861, na cidade russa de São Petersburgo. Seu pai foi Gustav von Salomé e sua mãe Louise von Salomé. Lou foi marcada desde o início de sua vida com a chama da liberdade e do espírito de renovação - seu nascimento coincidiu com um fato muito importante na história da Rússia moderna - a emancipação dos servos:

² - Essa terminologia, fin-de-siècle, é utilizada para designar a passagem do século XIX para o século XX que teve características muito especiais. De certo modo, todo o século XX foi um desdobramento aprofundado e ampliado de tudo o que o século XIX vinha gestando e que explodiu nesse período.

³ - Como nos relata uma das versões do mito, a deusa Fortuna, que ninguém sabia de quem era filha, nem de que raça havia nascido, amedrontava até ao próprio Júpiter. Era comum que se cantasse a ela canções como: Ô Fortuna, és como a lua, mutável [...] dá e tira [...] mantendo sempre escravizado [...] No trono da Fortuna, sentava-me no alto, [...] do pináculo agora despenquei, privado de glória. A roda da Fortuna girou: desço aviltado; um outro foi guindado. ORFF, Carl - Fortuna, Imperatriz do Mundo - IN Carmina Burana (libreto).

⁴ - MAQUIAVEL, Nicolo - O Príncipe - Brasília - Ed. Universidade de Brasília - cap . XV - p. 105 e 106

⁵ - ARENDT, Hannah - A Condição Humana - Rio de Janeiro - 1986 - Forense Universitária - p. 189

⁶ - Tomo aqui emprestada a fala de Castoriadis, que será citado durante o decorrer desta exposição, por me sentir, em muitos momentos, próxima ao seu modo de pensar a

elucidação desta questão. Segundo ele, se tratarmos o imaginário como criação ex-nihilo, o próprio espelho e a sua possibilidade, além de o outro como espelho, ou então, a realidade e a própria racionalidade, são obras do imaginário. CASTORIADIS. A Instituição Imaginária da Sociedade - Rio de Janeiro - Paz e Terra - 1989 - p.13.

⁷ - Ver principalmente: BONAZZI, Tiziano - IN Dicionário de Política - org. BOBBIO et alli - Brasília - Ed. Universidade de Brasília - 1986 - Seg. Edição - verbete Mito Político.

⁸ - BACHELARD, Gaston - A Água e os Sonhos. São Paulo - Martins Fontes - 1989.

⁹ - CASTORIADIS, Cornelius - A Instituição Imaginária da Sociedade - op. cit.

¹⁰ - BACZKO, Bronislaw - A Imaginação Social - In Enciclopédia Enaudi de Ciências Sociais - Lisboa - Imprensa Oficial - Casa da Moeda - 1985 - vol 5.

¹¹ - CARVALHO, José Murilo - A Formação das Almas - São Paulo - Cia. das Letras - 1991 - Introdução - p. 9 a 15

¹² - Girardet, Raoul - Mitos e Mitologias Políticas - São Paulo - Cia. das Letras - 1987.

¹³ - BENJAMIM, Walter - Sobre o conceito de História - In Obras Escolhidas - São Paulo - Brasiliense - Tese n. 6.

¹⁴ - BENJAMIN, Walter - Parque Central - In Obras Escolhidas - vol.III. S. P. Brasiliense. 1991 - p. 160.

¹⁵ - Idem - Sobre o Conceito da História - In Obras Escolhidas - op. cit. p. 230.

- Também Bachelard se contrapõe à idéia da duração (Bergson), do fluxo contínuo do tempo. Com o seu modo de conceber o tempo enquanto dividido em instantes descontínuos critica o historicismo continuísta e a absolutização do tempo e da história. O novo historicismo preconizado por Bachelard é marcado pela descontinuidade, pelo senso de ruptura: aquele que é demonstrado pela ciência ao refazer-se a partir de suas bases, como o 'novo espírito científico' instaurado pela física quântica, pela teoria einsteiniana da relatividade ou pelas geometrias não-euclidianas. PEÇANHA, José A. Motta - O Sono e a Vigília - In Tempo e história - org. Aduauto Novaes - Cia. das Letras - 1992 - p. 48.

¹⁶ - Cada nota uma singularidade. Ver GRIFFITHS, Paul - A Música Moderna - Uma História Concisa e Ilustrada de Debussy a Boulez - Rio de Janeiro - Zahar - 1978.

¹⁷ - MARINETTI, F.T. - Manifesto do Futurismo - In TELES, Gilberto Mendonça - Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro - Rio de Janeiro - Ed. Record - 1987 - p.92 - O grifo é nosso.

¹⁸ - PFEIFFER, Ernest - Posfácio - In SALOMÉ, Lou - Minha Vida - op. cit. - p. 198.

¹⁹ - Como está em Hannah Arendt, falar em libertação não é o mesmo que falar em liberdade. Para ela é radical a diferença entre esses dois conceitos. A libertação diz respeito ao atendimento das necessidades vitais estando no plano do governo constitucional ligada aos direitos civis, sendo que a liberdade é o início de uma História inteiramente nova. ARENDT, Hannah - Da Revolução - São Paulo - Ed. Ática - 1990 - p. 17 a 28.

²⁰ - Nossa idéia do tempo como continuidade como uma linha reta e eterna, mutilou brutalmente nossa consciência. - D. H. Lawrence - citação de MALCOLM e MAC FARLANE - O Nome e a Natureza do Modernismo - IN Guia Geral do Modernismo - São Paulo - Cia das Letras - 1989 - p. 39.

²¹ - NIETZSCHE - Assim Falou Zaratustra - apud JUNG, C. G. - Civilização em Transição - São Paulo - Vozes - 1993 - p. 110.

²² - Ver MUSIL, Robert. O Homem sem Qualidades. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1989.

- ²³ - HARDMANN, F. F. Trem Fantasma - a citação é de NEVES, Magda M. Bello de Almeida - As Trabalhadoras de Contagem : Uma história outra, uma outra história - Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Sociologia da USP - São Paulo - 1990.
- ²⁴ - O âmbito onde a liberdade sempre foi conhecida como um fato da vida cotidiana e não como um problema, é o âmbito da política. A liberdade é a razão de ser da política, sendo que seu domínio de experiência é a ação. Quando se trata a liberdade enquanto relacionada à política, ela tem o significado de fundação, de início de algo novo que chama à existência aquilo que antes não existia e que portanto não poderia ser conhecido. ARENDT, Hannah - Que é Liberdade - In Entre o Passado e o Futuro - São Paulo - Ed. Perspectiva - 1988 - p. 188 a 198.
- ²⁵ - Walter BENJAMIN, Sobre o Conceito da História (Teses) - IN Obras Escolhidas - São Paulo - Brasiliense - 1985 - Vol. I.
- ²⁶ - idem.
- ²⁷ - idem - p. 224.
- ²⁸ - ROUANET, Sérgio Paulo - As Razões do Iluminismo - São Paulo - CIA. das Letras - 1987 - p. 47.
- ²⁹ - Para elaborar essa questão, sobre Tempo, História e Memória utilizei-me do apoio de: BENJAMIN. Sobre o Conceito de História - IN Obras Escolhidas. São Paulo. Brasiliense - 1987- Vol. I.
- ³⁰ - a) CONCHE, Marcel - a citação é de NOVAES - Introdução - In Tempo e História - op. cit.- p. 17.
- b) Maquiavel insistia para que as pessoas que ingressassem na política aprendessem a não ser boas. Ele fala como se o comportamento ético e o sucesso político fossem incompatíveis, mas na verdade está fazendo uma advertência de não se deve agir segundo os preceitos cristãos. Segundo ele, não é o mal que tem que ser negado, mas a mediocridade, que é incapaz de fazer alcançar a grandeza. A Política desenrolando-se no terreno do indeterminado, não nos permite falar do bom e do mau desejo; mas apenas das ações que são nocivas e das que colaboram para a manutenção da liberdade. Ver:
- ARENDT, Hannah - Da Revolução - São Paulo - Ed. Ática - 1990 - Cap. 1.
- BIGNOTTO, Newton - Maquiavel Republicano - São Paulo - Ed. Loyola - Cap. 5. .
- MAQUIAVEL, Niccolo - Discorsi - Brasília - Ed. Universidade de Brasília - livro 1 - cap.xxvii - p. 177.
- ³¹ - RIDER, Jacques Le - In SALOMÉ, Lou - Carnets Intimes des Dernières Années - Ed. Hachette - Paris - 1984 - pag. 10
- ³² - A respeito de pesquisas sobre o fin-de-siècle ver: . HOBBSAWN, Eric J. - A Era dos Impérios - Rio de Janeiro - Paz e Terra - 1988.; . RIDER, Jacques Le - A Modernidade Vienense e as Crises de Identidade - Rio de Janeiro - Ed. Civilização Brasileira - 1993 .
- ³³ - RIDER, Jacques Le - A Modernidade Vienense e as Crises de Identidade - op. cit. - p. 47 e 48.
- ³⁴ - idem - p. 48.
- ³⁵ - Conforme FOOT HARDMAN, Francisco - Antigos Modernistas - IN Tempo e História - São Paulo - Cia. das Letras - 1992 - p. 292.

³⁶ - BRADBURY e McFARLANE - O Nome e a Natureza do Modernismo - IN Modernismo Guia geral - op. cit - p. 36.

³⁷ - Para Kant a razão tem limites e não consegue explicar o mistério da vida. É por isso que o homem tem necessidade da fé. É essa fé que desmorona no período.

³⁸ - JUNG, Carl - Presente e Futuro - Petrópolis - Ed. Vozes - 1989 - p. 51 - parágrafo 585.

³⁹ - NIETZSCHE, Frederic - Aurora - IN Obras Completas - M. Aguilar Editor - Buenos Aires - Tomo V - p. 338-340.

- O desprezo de Nietzsche pela idéias modernas (piedade e triunfo dos mediócras) segundo ele institucionalizadas sob a forma de democracia e o culto cego às ciências, marcou todos os seus admiradores. Como ele próprio diz, em Ecce Homo, o sentido de Para Além do Bem e do Mal é no essencial uma crítica à modernidade, não excluindo as ciências, as artes modernas e nem mesmo a política moderna, além de fornecer algumas indicações a respeito do tipo oposto que é tão pouco moderno quanto possível, um tipo aristocrático que diz sim. A citação é de RIDER - A Modernidade Vienense e as Crises de Identidade - op. cit. p. 41.

⁴⁰ - SALOMÉ, Lou Salomé - Minha Vida - Ed. Brasiliense - São Paulo - pag. 63.

⁴¹ - O movimento Secessionista além de afirmar o rompimento com a tradição, tinha outro objetivo básico na sua ideologia, que era falar a verdade sobre o homem moderno, ou mostrar ao homem moderno sua verdadeira face (Otto Wagner). A respeito deste movimento ver SCHORSKE, Carl. - Viena fin-de-siècle - op. cit.

⁴² - idem - pag. 218

⁴³ - WERNER, Hofmann - Gustav Klimt und die Wiener Jahrhundertwende - Citado por RIDER, Jacques Le - A Modernidade Vienense e as Crises de Identidade - op. cit. - p. 42.

⁴⁴ - Os irmãos Prometeu e Epimeteu, personagens antitéticas, são ambos pertencentes à raça dos Titãs. Prometeu o que pensa e reflete antes, segundo a tradição, roubou uma centelha do fogo celeste, trouxe-o à terra e iluminou os mortais, daí ter sido usado como símbolo para a concepção iluminista, prometéica; Epimeteu o que pensa e compreende depois não hesitou receber, através de Zeus, Pandora como esposa. Conforme BRANDÃO, Junito- Dicionário Mítico Etimológico - Petrópolis - Ed. Vozes - 1991 - Vols. I e II - verbetes: Epimeteu, Pandora, Prometeu e Titãs.

⁴⁵ - SCHORSKE, Carl E. - Viena Fin-de-Siècle - op. cit. - pag. 19.

⁴⁶ - citação de SCHORSKE - Viena Fin-de- Siècle - op. cit - pag. 13.

⁴⁷ - BACZCO, Bronislaw - A Imaginação Social-In Enciclopédia ENAUDI de Ciências Sociais - Lisboa - Imprensa Oficial - Casa da Moeda - 1985 - vol. 5.

⁴⁸ - SCHORSKE - Viena Fin- de- siècle - op. cit - pag. 21.

CASTORIADIS, Cornelius - A Instituição Imaginária da Sociedade - op. cit.

⁴⁹ - CASTORIADIS, Cornelius - A Instituição Imaginária da Sociedade - op. cit.

⁵⁰ - Conforme LE RIDER, Jacques - A Modernidade Vienense e as Crises de Identidade - op. cit. - p. 47.

⁵¹ - Hofmannsthal, por exemplo, observou que ser moderno, significava duas coisas diferentes: tanto podia significar análise, reflexão, imagem reproduzida, quanto fuga fantasia, imagem onírica. Hoje, dizia, duas coisas parecem ser modernas: a análise da vida e a evasão da vida, [...] móveis antigos e neuroses recentes,[...] Paul Bourget e Buda. Ele se definia e aos

seus amigos, tanto como continuadores da grande tradição clássica quanto como inovadores. Para eles o modernismo não era algo de triunfante, mas algo que conservava sempre presente o sentimento de dor, de perda.

Conforme McFARLANE, James - O Espírito do Modernismo - In Modernismo - Guia Geral - São Paulo - Ed. Schwarcz - 1989 - p. 55.

⁵² - STANGOS, Nikos (org.) - Conceitos da Arte Moderna - Rio de Janeiro. Zahar Editor. 1991. p. 7 e 8.

⁵³ - As formas são todos os elementos que de uma maneira ou de outra entram no processo de produção da obra. Na literatura, por exemplo são formas a rima, a métrica, a descrição, a narração, as estruturas poéticas, etc... Conforme TELES, Gilberto Mendonça - Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro- Rio de Janeiro - E. Record - 1987 - p. 26.

⁵⁴ - POGGIOLI, Renato - apud. MALCOLM e MACFARLANE - Movimentos, Revistas e Manifestos - In - Modernismo - Guia Geral - Cia. das Letras - São Paulo - 1989 - pag. 155.

⁵⁵ - conforme ARENDT, Hannah - Que é Liberdade? - IN Entre o Passado e o Futuro - op. cit.

⁵⁶ - FORD, Madox Ford - Return to Yesterday - apud MALCOLM e MACFARLANE - Movimentos, Revistas e Manifestos - In - Modernismo - Guia Geral - op. cit. - pag. 155.

- Para a leitura desses Manifestos usamos a edição de TELES, Gilberto Mendonça - Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro- Rio de Janeiro - E. Record - 1987

⁵⁷ - Diríamos com Hannah Arendt que é através de palavras e atos que Lou Salomé entra no mundo humano. Esta entrada é como um segundo nascimento, pois é também um preceito de início. A natalidade como tratada por Arendt, é a capacidade inicial de começar algo novo, o que por sua vez seria uma interação entre a marca da política e a condição de liberdade. Ver: ARENDT, Hannah - A Condição Humana - Rio de Janeiro - Forense Universitária - especialmente. Cap. 5.

⁵⁸ - Foi assim que Lou conviveu e interagiu com personagens como Gerhart Hauptmann e Marie, Arne e Hulga Garborg, Bruno Wille, Wilhem Bolsche, os dois irmãos Hart, Ola Hansson-Marholm, August Strindberg, Max Halbe, Arno Holz, Walter Leistikow, John Henry Mackay, Richard Dehmel, Georg Ledebour. A respeito da importância dos personagens do círculo de convivência de Lou, quanto ao questionamento do imaginário e quanto à impressão de novos significados ao mesmo.

⁵⁹ - HAUPTMANN, Gerhart - apud. SALOMÉ, Lou Salomé - Minha Vida - op. cit. pag. 172

⁶⁰ - É através do discurso e da ação como forma de convivência, que os seres humanos se mostram quem são revelando sua singularidade em um espaço público, em um espaço plural. É só através deles que os homens podem distinguir-se ao invés de se tornarem apenas diferentes; a ação e o discurso são os modos pelos quais os seres humanos se manifestam uns aos outros, não como meros objetos físicos, mas enquanto homens. Ou seja, as palavras e as ações relacionadas permitem que o ser humano se revele. Desacompanhada das palavras a ação deixaria de ser ação, pois o sujeito não se revelaria e, o agente do ato, só é possível se for, ao mesmo tempo, o autor das palavras. ARENDT, Hannah - A Condição Humana - op. cit. p. 189 a 191.

⁶¹ - O presidente da República Francesa Sadi Carnot, foi assassinado, a 24 de junho, por um anarquista italiano. Alexandre Millerand (professor de Filosofia), posteriormente presidente

da República, era socialista, assim com Jaurès, o pacifista assassinado às vésperas da Primeira Guerra Mundial.

⁶² - Lou diz, que sua obra *Fenitschka* nasceu de um seu encontro com Wedekind, em Paris. Como ela diz " ocorreu entre nós um mal entendido wedekindiano [...] tive a ocasião de utilizar o fato como recheio para uma novela". Por sua vez, ele logo após, escreveu uma peça teatral - *Caixa de Pandora* - cujo personagem central é Lulu. Não há comprovação de que o trabalho de Wedekind se refira a Lulu Salomé, mas as semelhanças entre Lulu e *Fenitschka* são muito evidentes. *Caixa de Pandora* foi musicada por Alban Berg - a ópera *Lulu*. Comentando sobre essa ópera, ADORNO diz que Lulu toca o ponto nevrálgico, onde a humanidade organizada é extremamente sensível [...] Ela é livre das reações violentas da sexualidade reprimida. Adorno cita Karl KRAUSS que diz ser Lulu "uma tragédia do constantemente mal entendido enigma do charme feminino, que o mundo esquelético tolera apenas na cama de Procrusto, de seus próprios conceitos morais rígidos. Uma mulher que subverte, uma mulher que não pretendia servir a um proprietário, uma mulher que poderia elevar tudo às alturas, mas apenas na liberdade". Uma mulher que dizia: "Embora por meu amor, um homem possa se matar, ou matar outros, isso não me deprecia. Em minha vida, não quero parecer aos outros diferente do que sou. Tampouco tenho sido levada em minha vida, de qualquer forma que seja, a olhar-me diferentemente do que sou." (*Lulu's aria*). . Lou SALOMÉ -*Minha Vida* - op. cit.- p. 70..

⁶³ - RIDER, Jacques le - Modernidade Vienense e Crises de Identidade- op. cit. pag. 53- 54.

⁶⁴ - SCHOPENHAUER, apud RIDER. Modernidade Vienense e Crises de Identidade- op. cit. pag. 54.

⁶⁵ - SALOMÉ, Lou - Minha Vida - p. 51.

⁶⁶ - SALOMÉ, Lou Salomé - Carta Aberta a Freud - Ed. Princípio - São Paulo - 1990 - p. 17 e 18.

⁶⁷ - BENJAMIN, Walter - Charles Baudelaire: Um lírico no auge do capitalismo - IN *Obras Escolhidas* - São Paulo -Brasiliense - 1989 - vol III.

⁶⁸ - Há vários sentidos para o conceito de Herói. Ele pode significar o mestre, o chefe nobre, referindo-se aos chefes militares dos gregos que combateram em Tróia, o que portanto vai designar todo homem nobre pelo nascimento, coragem ou talento; o semideus, aquele que está situado entre os deuses e os homens; todos os homens elevados à condição de semideus, como os imperadores romanos divinizados. Conforme ABENSUR, Miguel - *O Heroísmo e o enigma do Revolucionário* - IN *Tempo e História* - op. cit. p. 214.

⁶⁹ - SALOMÉ, Lou - *Carta Aberta a Freud* - Ed. Princípio - São Paulo - 1990 - p. 18.

⁷⁰ - ARENDT, Hannah - *A Condição Humana* - op. cit. - p.199.

ABENSUR, Miguel. *O Heroísmo e o enigma do Revolucionário*.IN Tempo e História - op. cit. p. 214.